

PREFÁCIO

Qual a potência da museologia para se pensar a música? Como o patrimônio musical pode cumprir-se enquanto museu? Movida por essas questões, Aline Azevedo envereda por uma investigação arrojada, a um só tempo filosófica e pragmática. Sua inquietação surge da experiência como docente da Escola de Música da UEMG, onde também atua como pesquisadora e coordenadora do Núcleo de Acervos da instituição. Diante de um rico e extenso patrimônio da música de Minas Gerais, que abrange documentos do século XVIII ao XXI, a autora busca descortinar novos significados e novas possibilidades de uso social desse legado da música. Com o intuito de ir além do conhecimento instrumental de gestão desse tipo de acervo, estabelece um vigoroso diálogo entre a musicologia e museologia. Examina percursos históricos tanto quanto a genealogia mitológica dos termos museu e música, para identificar convergências semânticas. O resultado são proposições originais, que se inscrevem no horizonte da interseção entre os dois campos de conhecimento – musicologia e museologia –, ainda pouco explorado pelas pesquisas acadêmicas.

Do ponto de vista descritivo, a pesquisa analisa as confluências entre música e museu em um arco que se estende da paisagem sonora em museus ao espaço de salvaguarda e extroversão de coleções referenciadas na música, passando pela “música de museus”, ou seja, execuções musicais que utilizam instrumentos de coleções museológicas. Mas é na reflexão em torno do conceito de museu, em diálogo com pensadores do campo da museologia, em particular com Bernard Deloche, que se

encontra a contribuição singular deste livro. Ao adotar a identificação de museu com a função precisa de ensejar experiências sensíveis da cultura, não importando se conformado a uma instituição ou não, Aline Azevedo constata o status de museu na performance musical. A ideia de museu compatibiliza-se, dessa maneira, a uma arte evanescente como a música, tornando-se presente no momento de sua fruição sensorial.

Com essa reflexão teórica, torna-se legítimo analisar os acervos musicais da Escola de Música da UEMG como formas potenciais de se concretizar a relação museal entre o homem e determinada realidade musical. Para isso, é examinado como as funções museológicas da preservação, pesquisa e comunicação estão presentes no Núcleo de Acervos da Escola de Música.

Uma descrição dos fundos e das coleções musicais nos permite conhecer a extensão e a diversidade do acervo recolhido pelo Núcleo. Sua preservação é analisada em duas perspectivas: como registros escritos cuja produção tem a intenção de possibilitar a transmissibilidade das obras e como conjuntos documentais que, incorporados ao Núcleo, recebem um tratamento arquivístico, assegurando a sua efetiva salvaguarda. Um levantamento extenso, que contempla a produção acadêmica, a elaboração de catálogos e inventários e a produção musicográfica, atesta as atividades de pesquisa desenvolvidas a partir e sobre esses acervos. A análise que é desenvolvida dessa produção evidencia o quanto a função investigativa fundamenta a salvaguarda e comunicação museológica, subsidiando, por meio de informações e interpretações, a gestão e a extroversão desse patrimônio.

Na abordagem da função da comunicação, a autora retoma a reflexão da natureza processual do museu, assinalando o ciclo completo da cadeia de operações que fundamenta a musealização. A ideia de exposição se alarga para além da exibição convencional do universo material que cerca o fazer musical, constituído de documentos, instrumentos, meios e formatos de reprodução sonora. Importa identificar as formas de comunicação da dimensão imaterial do património musical, reconhecendo a atividade performática da música como uma espécie de exposição do museu.

Música de Museu: repensando um acervo é um livro cuja leitura nos provoca reflexões de distintas ordens, sobretudo, a respeito dos possíveis diálogos fronteiriços entre musicologia e museologia. Sua publicação é muito auspiciosa para todos que vêm trabalhando com categorias de patrimônios, cuja dimensão imaterial tem nos impelido a repensar a própria ideia de museu.

Leticia Julião

Junho de 2021